

METROPOLIZAÇÃO E O PROBLEMA DAS FAVELAS

Deptº de Geografia
Maria Eunice Soares Penner
Universidade Federal do Pará

"Divulgar os males seria contribuir para agravar os problemas e para exasperar o povo? Os fatos angustiam, mas conhecê-los é um caminho necessário para o encontro e aceitação das soluções. E o povo pela experiência quotidiana, conhece com acuidade e a lucidez de quem precisa lutar cada dia para ganhar o pão, para si e sua família, a extensão e a gravidade dos problemas. É preciso contribuir para a solução de seus problemas e dos problemas da cidade".

Cardeal Paulo Evaristo Arns

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização é um fenômeno mundial e a ele está intimamente ligado o problema das favelas.

As primeiras cidades surgiram há milhares de anos em sociedades de diferentes modos de produção. Entretanto, a sua importância aumentou somente a partir dos dois últimos períodos históricos.

O primeiro teve início no final da Idade Média e estava relacionado com as transformações que ocorreram no período feudal europeu com o desenvolvimento do capitalismo, e o segundo já no final do século XVIII com a Revolução Industrial e estava relacionado à for

mação do modo de produção capitalista.

A expansão do sistema capitalista, com a ocupação de novos espaços e o desenvolvimento industrial, que foi uma consequência do novo sistema, são fatores importantes no processo de urbanização das cidades modernas.

Para Max Weber(1) "*a cidade é pré-condição do capitalismo na medida em que é necessário para a existência do mesmo na comunidade com alto grau de autonomia*".

A industrialização, fator essencial na reprodução do capital, e uma sociedade consumidora cresceram rapidamente nas cidades.

A necessidade de mão-de-obra para as fábricas, associada à crise agrícola marcaram o início da migração intensiva campo/cidade. Com as novas populações oriundas do campo para trabalhar no novo setor - a indústria moderna - que dia-a-dia ganhava maior impulso surgiram as vilas operárias e as primeiras favelas urbanas.

No Brasil, segundo Lícia Valladares as favelas surgiram desde o início do século, mas sua proliferação se dá com particular pujança nos núcleos urbanos metropolitanos no período que vai do começo dos anos 1930 até o final da década de 1950"(2).

A força com que é impulsionado no Brasil o setor industrial nos últimos anos; a capitalização do campo com uma reorganização do espaço geográfico que passa a ser ocupado por grandes empresas agropastoris ou agroindus-

(1) Weber, Max - "*Conceitos e categorias de Cidades*", in Olivan Ruben George. Urbanização e Mudança Social no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1980. Pag.15

(2) VALLADARES, Lícia - Habitação em Questão. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 1980. Pág. 24

triais; o primeiro necessitando de mão-de-obra fabril e o segundo provocando o êxodo rural, são mecanismos que vão provocar o crescimento dos aglomerados do tipo favelas na periferia dos centros urbanos, principalmente das áreas metropolitanas.

A moderna sociedade urbana vê nos dias atuais um mundo cheio de contradições. À medida que cresce economicamente, que torna-se mais industrializada, paralelamente também proliferam as favelas e seus inúmeros problemas de ordem social, política e econômica.

É importante ressaltar um outro fator na problemática urbana, não só do Brasil mas do mundo. O crescimento demográfico de muitos países, principalmente das áreas subdesenvolvidas.

O crescimento exagerado e acelerado da população vem acompanhado de sérios problemas, como: subnutrição, insuficiência educacional, desemprego, carência habitacional, insuficiência de áreas de lazer, precariedade de nos serviços públicos, etc.

Estes problemas são gravíssimos nas áreas urbanas, devido ao seu crescimento desordenado e com sua aguda falta de equipamentos comunitários e de serviços públicos.

O FENÔMENO URBANO

O desenvolvimento urbano, desde os primórdios da Revolução Industrial até as primeiras décadas deste século fez-se de maneira espontânea. Os espaços iam sendo ocupados de maneira aleatória. A intervenção do poder público em seus diferentes níveis era bastante reduzida.

O "*laissez-faire*" da industrialização tinha como contrapartida no espaço urbano o

"laissez-faire" do processo de urbanização. As metrópoles cresceram rapidamente, sendo este crescimento acompanhado da deteriorização das condições de vida de ampla parcela da população. A interligação entre o processo de crescimento urbano e o aumento dos problemas urbanos tornou-se visível.

A noção de que o progresso tem um preço, que deve ser pago por seus habitantes, vem sendo insistentemente repetida a propósito dos mais variados problemas; poluição ambiental, dificuldades de transportes, más condições de habitação, carência de abastecimento, insuficiência de lazer, aumento da criminalidade, desemprego, subemprego, etc.

O dilema estagnação ou sacrifício, implícito nesta noção e em tudo consoante com a ideologia do desenvolvimento em voga: para que o País se desenvolva, assegurando felicidade futura a seus habitantes, estes devem renunciar à satisfação do presente. Ao mesmo tempo as dificuldades atuais são muitas vezes atribuídas à forma desordenada do crescimento metropolitano e à ocupação de seu espaço.

A população das cidades brasileiras como na maior parte das cidades modernas, cresce de maneira desordenada e desorganizada. Sem a devida organização do espaço urbano.

Intensifica-se a migração campo/cidade e em muitas áreas, paralelamente, aumentou o crescimento industrial, surgindo este como um novo atrativo às populações rurais.

No Brasil, as cidades seguem o mesmo modelo da maioria das cidades do mundo, ou seja: crescimento acelerado, ocupação desordenada dos espaços vazios, intensa migração campo/cidade.

Embora o fenômeno urbano seja universal, nos países não desenvolvidos ou em desenvolvimento, o mesmo muitas vezes atinge índices

alarmantes, com densidades demográficas consideradas as maiores do mundo, como é o caso, no Brasil, de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife (Tabela nº 1).

MAIORES DENSIDADES DEMOGRÁFICAS DO PAÍS
1980-hab/Km²

CIDADES	DENSIDADE DEMOGRÁFICA
São Paulo	5.688,95
Recife	5.764,30
Rio de Janeiro	4.349,47

FONTE: Sinopse Estatística do IBGE - 1981

O crescimento acentuado da população urbana vem acompanhado de inúmeros problemas: poluição ambiental; carência de abastecimentos; más condições de habitações; insuficiência de empregos; insuficiência de transportes; crescente índice de criminalidade; prostituição; menores abandonados; carência de serviços públicos; áreas de lazer, etc.

Na análise da ocupação do espaço urbano das metrópoles brasileiras, alguns fatores merecem ser estudados de maneira mais detalhada, pela importância que possuem os mesmos no processo de metropolização: o setor industrial; a migração campo/cidade; o crescimento vegetativo.

1 - O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

Que papel exerce a industrialização na metropolização das cidades brasileiras? Como observa o Professor Milton Santos(3) a *"função industrial resulta da existência de uma população urbana"*.

A industrialização nos países subdesenvolvidos é gerada e alimentada por fatores alheios à cidade e muitas vezes ao próprio País. Em outras palavras, nos países de economia dependente, são os fatores exógenos que determinam a implantação de atividades industriais.

O espaço urbano dos países subdesenvolvidos está pronto para atender a demanda dos países de economia desenvolvida.

O primeiro surto de industrialização no Brasil surge, segundo R. Simonsen(4) no período do chamado *"encilhamento"* paulista, entre 1889 e 1890; este fato foi possível graças aos capitais liberados pela abolição da escravidão; pelos capitais colocados à disposição dos cafeicultores paulistas e a migração de trabalhadores agrícolas.

Para melhor entendimento da industrialização e paralelamente do desenvolvimento urbano do Brasil é importante fazer algumas considerações à economia colonial. A formação de um modo de produção urbano-industrial no Brasil está diretamente ligada ao enfraquecimento da economia colonial e ao surgimento de uma economia de mercado. No fim do século passado o longo período de crescimento das exportações de café, levou à necessidade de

(3) SANTOS, Milton - A cidade nos países subdesenvolvidos. Editora Liv. Bras. Rio de Janeiro. 1965

(4) SIMONSEN, Roberto - A Evolução Industrial no Brasil

uso crescente de mão-de-obra na agricultura de exportação em detrimento das atividades de manutenção e de manufatura. A isso acresce-se a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre (principalmente de imigrantes) e o crescimento das cidades devido às necessidades de exportação. Estes fatores foram responsáveis pela formação de um mercado interno de relativa importância. Assim paralelamente à formação de um mercado regional em São Paulo (tendo o café como base), desenvolveram-se mercados no nordeste (com o açúcar como base) e no Sul (a pecuária para abastecimento nacional como base).

O primeiro surto industrial brasileiro significativo ocorreu na última década do século passado com o aparecimento da indústria alimentícia e têxteis de substituição de importação. Foram fatores importantes do desenvolvimento destas indústrias, o tamanho relativamente grande do mercado interno, a abundância de matérias-primas e as medidas protecionistas adotadas pelo governo.

As condições propícias ao desenvolvimento de uma indústria nacional levou a seu surgimento nos centros urbanos, que já tinha sido criado um mercado para produtos manufaturados; paralelamente ao desenvolvimento industrial se desenvolvia o centro urbano.

Como as massas urbanas necessárias à industrialização começaram a aumentar, começaram também a surgir os problemas oriundos da crescente concentração da população. Foram facilmente manipuladas através de medidas paternalistas que na realidade tinham por objetivo mantê-las dóceis. Foi criada uma legislação trabalhista.

O crescimento industrial, pode ser considerado o marco inicial do crescimento das grandes cidades brasileiras. Paralelamente,

à medida que o setor secundário avança, é impulsionado também o crescimento metropolitano. Nas grandes metrópoles brasileiras como São Paulo e Rio de Janeiro, a partir do início do século e de maneira mais intensa após os anos 30, se inicia a formação de uma periferia pobre e dependente do núcleo urbano.

A distribuição espacial da população acompanha assim a condição social dos habitantes reforçando as desigualdades existentes. Atualmente a expressão "periferia" que serve para designar os bairros afastados do centro, tornou-se, em certos meios, sinônimo de marginalização e de exclusão social.

Nos primórdios da industrialização e basicamente até os anos 30, muitas empresas resolviam o problema de alojamento de sua mão-de-obra, através da construção de vilas operárias, geralmente contíguas às fábricas, cujas residências eram vendidas ou alugadas a trabalhadores. Tal tipo de solução foi viável na medida em que a quantidade de força de trabalho a ser alojada era relativamente reduzida, já que as casas destinavam-se de uma maneira geral aos operários mais qualificados. Além do mais, o baixo custo dos terrenos e da construção tornava compensadora a fixação do trabalhador. O fornecimento de moradia pela própria empresa, diminuía a despesa dos operários com sua sobrevivência, permitindo que os salários fossem rebaixados. Descontava-se, assim, o investimento feito pelas empresas com a aquisição dos terrenos e com a construção das casas.

Mas logo intensificou-se o desenvolvimento industrial, houve a necessidade de numerosa mão-de-obra. O número de trabalhadores aumentou rapidamente. As empresas precisavam de mão-de-obra abundante e barata que permitisse a produção de um excedente eleva-

do. O capitalismo tomava grande impulso no Brasil tomando conta dos espaços das grandes metrópoles. Aumentava o fluxo migratório em função da necessidade de trabalhadores fábrís. Multiplica-se a zona periférica: aglomerados clandestinos ou não, carentes de infraestrutura, onde vai residir a massa operária necessária à produção.

Amontoam-se populações em áreas que são verdadeiros tugúrios e favelas promiscuas. Além do baixo salário, são problemas cruciais os da moradia, dos transportes, de subalimentação, problemas sanitários, educacionais. As populações operárias passam grande parte de seu tempo em deslocamentos do local de moradia para o de trabalho e vice-versa, ficando pouco tempo para descanso.

2 - O PROCESSO DE MIGRAÇÃO CAMPO/CIDADE

O processo migratório é tão antigo quanto à própria humanidade.

Desde a mais remota antiguidade o homem migra em busca de melhores condições de vida. E é justamente a melhoria do padrão de vida que leva o homem a migrar das áreas rurais para as zonas urbanas.

O chamado êxodo rural que dia-a-dia torna-se mais intenso no Brasil é causado entre outros motivos; pela mecanização da lavoura; pela capitalização do campo, com imensos espaços rurais, verdadeiros latifúndios sendo ocupados por gigantescas empresas agropastoris ou agroindustriais. À medida que a agricultura se moderniza, libera quantidades importantes de mão-de-obra.

O migrante rural ao chegar a zona urbana, se depara com um mundo completamente diferente do seu. Sem qualquer qualificação, na maioria das vezes analfabeto, o migran-

te rural tende a concentrar-se especialmente nos bolsões de pobreza favelas-alagados-baixas. São levados à apatia, frustração e marginalidade uma vez que na maioria das vezes não conseguem ser incorporados à moderna sociedade urbana-industrial. As grandes dificuldades de ajustamento social e psicológico, geram conflitos, desorganização sócio-cultural e apatia.

3 - O CRESCIMENTO VEGETATIVO

É outro fator dos mais importantes no processo de urbanização do Brasil, visto possuir nosso país uma das maiores taxas de crescimento vegetativo do globo.

Este crescimento se verifica justamente nos estratos mais carentes da população, que se acha concentrada nos espaços periféricos.

O COMPLEXO ESPAÇO METROPOLITANO

O processo de metropolização é bem mais amplo e recente que o de urbanização.

O fenômeno urbano que se constitui na formação de grandes concentrações populacionais, industriais, de serviços, educacionais, etc; é bem mais antigo que a metropolização, uma vez que seu maior impulso foi com a Revolução Industrial.

A expansão cada vez maior do sistema capitalista, o grande desenvolvimento industrial, o impulso científico e tecnológico, que ocorreu no mundo após a Segunda Guerra Mundial, provocou também uma profunda modificação nos grandes centros urbanos.

O crescimento urbano em algumas regiões tomou tão grandes proporções, que espaços vazios foram totalmente ocupados, proporcionan

do a formação de áreas "conurbadas" e em outras de verdadeiras "megalópolis".

Formam-se as grandes metrópoles, um espaço complexo, cheio de contradições. O grande crescimento econômico que ocorre em algumas cidades traz consequências danosas a grande parte de sua população.

A "metrópole moderna" é locus de convergência de grandes correntes de interesses econômicos, políticos e ideológicos. É o centro da economia monetária. A economia do dinheiro domina a metrópole. É o espaço escolhido para a implantação de grandes empresas industriais, e as cabeças de holdings, de bancos internacionais, de grandes universidades, etc. A metrópole moderna, desalojou as últimas sobrevivências de uma economia doméstica. Ela reduz diariamente quantidade de trabalho necessário à seus habitantes; assistência médica, educacional, social, habitacional, etc.

O espaço metropolitano exerce papel catalizador atraindo migrantes de outras cidades e de zonas rurais. É neste espaço que concentra-se o poder público e econômico.

Grande parte da população migrante sente a precariedade e o abaixamento de seu padrão de vida médio; aumenta a diferença entre ricos e pobres.

Nas metrópoles modernas podemos observar a seletividade do espaço urbano. É fácil compreender que na própria medida do crescimento urbano, as distâncias tendem a aumentar e as áreas disponíveis que existem para nova ocupação encontram-se na periferia do espaço ocupado.

Nas metrópoles modernas o destino da classe operária, dos trabalhadores de uma maneira geral, é a periferia ainda que haja áreas vagas em locais mais próximos do centro, melhor providas de recursos básicos.

As populações mais pobres automaticamen-

te vão tomando a direção dos espaços periféricos. A especulação imobiliária, a destruição de prédios antigos para a construção de verdadeiras cidades de concreto armado, são fatos que caracterizam a metrópole moderna.

A luta pelo espaço urbano é uma luta desigual e mesmo desumana, onde só os mais privilegiados, os de maior poderio econômico conseguem ter seus objetivos concedidos.

Outra característica marcante da metrópole de nossos dias em sua seletividade natural do espaço urbano é o contraste entre a sofisticação do consumo de uma minoria e as precárias condições de vida da maioria. Isto se espelha na distribuição de serviços, de supermercados, de lojas, de cinemas, de butiques, etc.

Os melhores produtos em qualidade e quantidade, são colocados em determinados bairros. A distribuição de rede de transportes, esgotos, iluminação pública, áreas de lazer, etc.

No setor de construção civil, uma contradição: a maior parte dos empréstimos do BNH são canalizados para as camadas de renda média e alta. Mas, o que acontece no plano de construção civil ocorre também no planejamento urbano e no plano viário. Vastos investimentos são feitos com a abertura de novas e amplas avenidas, vias expressas, etc.

O espaço metropolitano é dos mais complexos, ao lado dos gigantescos e luxuosos edifícios surgem os conjuntos habitacionais ou mesmo favelas, estas sem as mínimas condições de infra-estrutura urbana; o transporte individual da classe média e alta ao lado do transporte de massa, os ônibus e os transportes suburbanos.

São inúmeros os problemas decorrentes do trânsito, congestionamento, buzinas, falta de estacionamento, tensão. A situação mais penosa é a dos usuários dos transportes coletivos.

Filas, superlotação, atrasos, perdas de dia de trabalho, são uma constante na vida metropolitana.

Neste contexto seria importante analisar como formou-se a periferia urbana: ao longo do processo de estagnação da produção agrícola do País, durante a primeira metade deste século, o crescimento por migração tivera direta ou indiretamente, um paralelo na lenta expansão de pequenos núcleos além da periferia da cidade. Posteriormente, com o desenvolvimento industrial e a necessidade de mão-de-obra para esta atividade, estes pequenos núcleos da periferia foram tomando vulto. Paralelamente ao desenvolvimento industrial, desenvolvia-se, também, a zona periférica dos centros urbanos. A medida que os anos iam passando, passaram a ocupar extensas áreas, já não apenas da periferia urbana, mas, também, da periferia dos bairros residenciais, no interior dos espaços urbanos, em morros, colinas, baixadas, vales, etc.

O PROBLEMA DAS FAVELAS

Embora as favelas tenham surgido no Brasil no início do século, somente a partir dos anos 30 começaram realmente a marcar o espaço urbano. Seu crescimento foi dos mais rápidos e acompanhou o ritmo de urbanização e metropolização dos grandes centros.

Algumas destas favelas estão implantadas na periferia dos bairros residenciais da classe média alta ou mesmo na periferia dos bairros seja sério o problema de assaltos, furtos a residências, tóxicos, etc.

Muitos espaços ocupados por favelas localizam-se em colinas e áreas de baixadas que se saneadas e urbanizadas são consideradas áreas nobres, motivo pelo qual muitos políti-

cos e grupos de projeção econômica tentam a transferência destas favelas para áreas mais distantes.

Sobre as áreas invadidas, as favelas constituem transgressão legal. Segundo a professora Lícia Valladares (5) *"sua ocupação de solo, transgride a legislação referente à utilização do espaço, o Código de Obras"*. As favelas não contam com qualquer forma de respaldo jurídico.

Continuando, diz a Professora Lícia Valladares: *"sua distribuição no espaço urbano, revela-se conflitiva ao ocorrerem em áreas de alta especulação imobiliária e urbanizadas, disputando o espaço com populações de classe média alta"*.

Como pode-se observar dentro de uma região dominada pelo sistema capitalista, surge a contradição: surge o grande desequilíbrio quanto ao uso do solo, no sentido de que grande parte das favelas ocupa áreas cujo valor excede multíssimas vezes sua utilização.

Ao analisarmos o problema urbano chegase a uma conclusão; em toda a sua complexidade o problema habitacional é dos mais graves. Está relacionado com uma série de outros problemas não urbanos. Por exemplo, dada a estrutura agrária do nosso país, não é possível evitar a migração campo/cidade. De todos os lados fluem migrações para as grandes metrópoles: da zona rural, das pequenas cidades, das médias cidades, das capitais.

Em estudo do Professor José Arthur Rio (6)

(5) VALLADARES, Lícia. Passa-se uma Casa. 2a. edição. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1980. Pág. 30.

(6) RIOS, José Arthur - Habitação como Fator da Expressão do Fator Psicossocial. Escola Superior de Guerra. LS16 - 82.

diz o seguinte: *"a massa condenada à subabitação habita as favelas"*. As favelas vêm crescendo continuamente nas grandes metrópoles dos países subdesenvolvidos, embora as tentativas governamentais empreendidas esporadicamente para detê-las.

Nas grandes cidades brasileiras, além de ocuparem áreas do espaço, urbano, elas, acompanham notadamente as vias de acesso ao núcleo urbano, junto às rodovias e às ferrovias.

As favelas, áreas de ocupação ilegal, de crescimento espontâneo, carentes de uma estrutura básica, logo fora das normas de urbanização, sempre representaram um entrave diante dos programas de planejamento urbano projetados ou realizados.

Com densidades demográficas das mais elevadas, as populações faveladas representam objeto passivo de intervenção, constituindo-se em objeto de fácil mobilização por líderes demagógicos, que se aproveitando de sua situação às manipulam com facilidade. Esta manipulação das populações faveladas acarreta preocupação ao regime político vigente.

Ainda sobre as favelas a Professora Lícia Valladares (7) transcreve um editorial publicado na imprensa do Rio de Janeiro - *Journal do Brasil*, de 18 de Maio de 1969 - *"Proliferam em torno dos bairros mais populosos da cidade as favelas aos poucos foram-se transformando em núcleos marginais, da sociedade, vivendo exclusivamente na base da mais completa ilegalidade. Desde a ocupação de terrenos - capítulo em que aparece a corrupção da fiscalização, ao fechar os olhos, mediante*

(7) VALLADARES, Lícia - Passa-me uma Casa. 2a. edição. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1980. Pág. 35.

propinas, para permitir a construção de baracos - até as ligações elétricas clandestinas, o favelado torna-se um parasita do Estado, perante o qual, se não recebe favores, não tem deveres de espécie alguma. Vegetando na promiscuidade, essas populações formam um mundo à parte, sem direitos, mas sem obrigações. A utópica aspiração de urbanizar a favela opõem-se os mais elementares princípios de lógica administrativa. O ideal não é estimular a favela, mas eliminá-la".

Interesses entram em jogo na eliminação das favelas. Isto porque os terrenos liberados propiciariam a disciplina do uso do solo urbano em áreas metropolitanas. Liberar os terrenos ocupados por favelas significaria dispor de áreas onde se poderia construir. O processo de especulação imobiliária, que ocorre nas grandes metrópoles brasileiras, é uma das determinantes do programa de ação, visando a liberação dos espaços ocupados pelas favelas.

Embora os programas de construção de conjuntos habitacionais e da transferência de populações faveladas para os mesmos, as favelas metropolitanas do Brasil continuam a crescer. Este crescimento não se verifica apenas nas grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também nas metrópoles regionais como Belém e Recife, entre outras.

Um número espantoso de favelas surgiu no Rio de Janeiro na primeira metade da década de 1970, ocupando os espaços vazios da zona urbana.

FAVELAS DO RIO DE JANEIRO POR REGIÃO ADMINISTRATIVA

1970/1974

	Nº DE FAVELAS		POPULAÇÃO	
	1970	1974	1970	1974
I - PORTUÁRIA	6	6	16.240	20.480
II - COMERCIAL	-	1	-	45
III - RIO COMPRIDO	5	13	23.243	39.669
IV - BOTAFOGO	10	8	12.818	21.490
V - COPACABANA	7	5	15.783	16.800
VI - LAGOA	10	17	39.669	41.755
VII - SÃO CRISTÓVÃO	6	12	33.306	41.895
VIII - TIJUCA	5	10	33.109	74.697
IX - VILA ISABEL	2	5	12.619	6.510
X - RAMOS	18	26	92.613	88.908
XI - PENHA	15	23	57.078	86.705
XII - MÉIER	11	18	71.824	124.124
XIII - ENGENHO NOVO	10	29	25.029	23.854
XIV - IRAJÁ	9	12	22.189	38.994
XV - MADUREIRA	16	23	16.601	13.639
XVI - JACAREPAGUÁ	5	10	4.725	14.685
XVII - BANGŪ	7	8	25.597	43.140
XVIII - CAMPO GRANDE	1	5	3.150	7.051
XIX - SANTA CRUZ	1	6	1.877	2.239
XX - ILHA DO GOVERNADOR	7	14	19.356	17.255
XXI - ILHA DE PAQUETÁ	-	-	-	-
XXII - ANCHIETA	7	16	28.621	30.400
XXIII - SANTA TEREZA	4	8	9.682	10.284
XXIV - BARRA DA TIJUCA	-	8	-	6.381
T O T A L	162	283	565.129	771.090

FONTE - Dados relativos a 1970 - IBGE - Sinopse do Censo Demográfico.

Dados relativos a 1974 - Fundação Leão XVIII.

As primeiras discussões sobre política urbana de favelas, habitações, transportes urbanos, foram feitas a cerca de 40 anos. Os problemas são maiores, evoluíram em qualidade e quantidade. De início, as questões dos velhos mocambos e a alegada ameaça à saúde pública. Hoje, as proporções do problema urbano são assustadoras.

Segundo fontes do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para resolver o problema de subabitação das grandes cidades brasileiras, o governo precisaria construir anualmente uma média de 600 mil habitações.

As cidades estão congestionadas; as populações que continuam crescendo em ritmo acelerado a exigir através de movimentos condições dignas de moradia, assistência sanitária, educacional, etc.

Se a questão habitacional urbana persiste e manifesta-se com crescente vitalidade nas grandes cidades brasileiras, é porque entre outras razões nestes últimos anos a inflação que assola todos os países capitalistas, em nosso País teve um impulso espantoso, associada aos baixos salários da classe trabalhadora.

Nos últimos anos mais um grave problema com referências à precariedade e mesmo falta de habitações urbanas vem tomando vulto. Trata-se da invasão e posterior ocupação de conjuntos habitacionais por favelados. É comum a imprensa das diversas cidades brasileiras divulgarem a invasão de conjuntos ainda não ocupados por favelados.

Com referências ao problema, o Jornal O Globo, de 17 de Julho de 1982, publica o seguinte: "Condomínio de Santo André invadido por 500 favelados. Mais de 200 casas semi-acabadas do Conjunto Residencial Centre Ville, na Vila Humaitá, em Santo André, foram invadidas

na madrugada de ontem por cerca de 500 pessoas sob a liderança de Tarcísio da Silva Cale, de 26 anos, presidente de uma sociedade de Amigos do Bairro da cidade, que, em depoimento ao DOPS, assumiu a responsabilidade pelo movimento".

Como podemos observar as camadas pobres da população, são facilmente manipuladas. As invasões se sucedem e na grande maioria das vezes o governo se acha impotente para resolver o problema.

É comum encontrarmos em grandes capitais como Recife, edifícios que tiveram sua construção interrompida, ocupados por favelados, isto bem no centro de bairro residencial de elite, como é Boa Viagem.

Estes invasores procuram geralmente à noite, ou os feriados e domingos para efetuarem a ocupação das unidades. Muitos se apossam de mais de uma unidade e as alugam a terceiros.

No caso do Condomínio de Santo André, em São Paulo, o mesmo foi construído com financiamento da Caixa Econômica e estava parcialmente ocupado, das 800 casas, 200 já estavam ocupadas por seus legítimos proprietários.

1 - TENTATIVAS DE EXTINÇÃO DAS FAVELAS

Tão logo começaram a marcar e a se impor no espaço urbano, as favelas passaram a incomodar e ser motivo de preocupação e objeto de inúmeros projetos.

O que realmente acontece é que sempre houve uma tendência natural de repressão às populações faveladas. Para os demais moradores das cidades, a favela representa uma calamidade pública, uma verdadeira praga, um quisto social. Estas na realidade são expressões comuns do dia-a-dia, de profissionais da imprensa, de estudiosos, de políticos, enfim,

de toda a população.

As primeiras tentativas surgidas no Brasil, e, particularmente no Rio de Janeiro, onde o problema tem maiores proporções, para resolver o problema das favelas não tinham uma linha de ação bem clara.

Em 1946 surgiu a Fundação Leão XIII, a partir de entendimentos entre a Arquidiocese do Rio de Janeiro e a Prefeitura do Rio, propondo a recuperação das favelas. Esta fundação criou um Centro de Ação Social. Atuou em 34 favelas. Sua intervenção era a nível de infra-estrutura básica, como redes de esgotos, de luz, vias de acesso. O Centro de Ação Social com escolas, ambulatórios. Sua finalidade, como vimos, era a recuperação, não a extinção, das favelas.

Para a extinção das favelas foram criadas duas Comissões, uma em 1947 e outra em 1953. Enquanto a primeira fez apenas o censo das favelas, a segunda comissão criada, nada fez.

Em 1955 surgiu a Cruzada de São Sebastião, órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Seu objetivo era a urbanização das favelas, não pensando em extinção. A referida cruzada, no período de 5 anos, ou seja de 1955 a 1960 fez a melhoria em 15 favelas urbanas, com projetos de rede de esgotos, luz elétrica e vias de acesso.

Em 1956, finalmente foi criado o SERFHA (Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações Anti-Higiênicas). Foi o primeiro organismo oficial e especial voltado ao problemas das favelas.

Em 1960, com o novo governo, houve uma nova política com referências ao tratamento das favelas. O objetivo era não urbanizá-las, mas extingui-las e transferir as populações para outros locais.

Em 1962 o Governo Federal cria a COHAB

com a finalidade de construir construções populares. Os primeiros conjuntos surgiram e as primeiras favelas foram removidas. O objetivo da COHAB era ainda urbanizar algumas favelas que por qualquer motivo não podiam ser transferidas. Neste ponto não logrou nenhum êxito.

Em 1968, o Governo Federal criou o CHISAM (órgão do Ministério do Interior, subordinado diretamente ao BNH (Banco Nacional da Habitação) cujo objetivo é ditar uma única política de favelas.

Embora o programa criado em 1968, de remoção das favelas tenha atingido 12 anos de existência as previsões vão aquém das estabelecidas pelo programa. À medida que as favelas vão sendo extintas, em alguns bairros do centro e da zona sul, vão surgindo em outros, ou então as grandes favelas veem suas populações e seu espaço aumentado consideravelmente. Do dia para a noite se expande o espaço ocupado pelas grandes favelas. A verdade é que existe uma grande complexidade no problema das favelas.

Para os estratos mais carentes da população, a favela não se define apenas como mera questão habitacional. Muito embora seja uma alternativa de moradia dotada para os favelados de características altamente vantajosas.

Entretanto, muito mais que um simples local de morar, a favela urbana tem um outro aspecto; localizam-se próximo ao mercado de trabalho, uma vez que grande parte daqueles que trabalham são camelôs, empregadas domésticas, lixeiros, porteiros e edifícios, etc., e mesmo desocupados e marginais, logo, sua localização reduz os gastos com transportes e ainda mais por serem habitações construídas ilegalmente, em terrenos públicos, do Estado, os gastos são reduzidos, resolvendo o problema do pequeno salário dos moradores, uma que

não pagam impostos e na maioria das vezes a luz e a água são obtidos através de ligações clandestinas.

2 - PROPOSTAS PARA MINIMIZAÇÃO DOS PROBLEMAS URBANOS ADVINDOS DO FAVELAMENTO

Como tivemos oportunidade de analisar nos primeiros capítulos de nosso trabalho, no quadro geral do subdesenvolvimento os problemas urbanos assumem papel importante e específico, impossível em nossa opinião isolar estes problemas do quadro geral de subdesenvolvimento.

Dentro dos problemas urbanos, observamos o realce da problemática da favela. O favelamento sobressai junto aos demais problemas. Discutimos, questionamos, projetos são feitos, e os problemas não são resolvidos, pelo contrário, eles aumentam à medida que o tempo passa.

O que fazer? Como resolver o problema das favelas e dos favelados das grandes cidades brasileiras? Embora pareça pretensão de nossa parte, vale-nos aqui fazer algumas considerações.

Porque não utilizamos as novas técnicas do urbanismo? O urbanismo como técnica de transformação da realidade, deve ter um objetivo fundamental na atual conjuntura: o de contribuir à superação do subdesenvolvimento atuando especificamente sobre as estruturas urbanas, transformando-as e as utilizando.

A verdade é que o espaço da favela está fora do lugar, vamos dar ao espaço urbano uma organização adequada, vamos procurar desenvolvê-lo.

Por desenvolvimento urbano, não entendemos apenas simples crescimento econômico e

per capita das cidades, entendemos muito mais; consiste justamente numa tentativa de dar melhores condições de vida às populações carentes e não existe no meio urbano população mais carente que a massa favelada.

Quando foram feitas as primeiras tentativas para resolver o problema das favelas alguns fatores foram esquecidos, como: mercado de trabalho dos habitantes das favelas, distâncias, gastos com transportes. Não houve também uma preocupação com as inúmeras variáveis que condicionam o aumento das favelas. Nenhum tipo de medida foi tomada, por exemplo, no sentido de controlar as migrações que sempre tiveram papel dos mais importantes no crescimento das cidades, e, no aumento do chamado "bolão de pobreza". Nada foi realizado no sentido de controlar a especulação imobiliária. O mercado habitacional de alugueis, em vez de controlado, foi inflacionado. Aliado a tudo isso, as condições materiais dos estratos mais carentes continuam a se deteriorar. Com o programa de remoção novos moradores surgiram nas favelas, estes atraídos pelos prováveis beneficiamentos do programa.

Nossas propostas, numa tentativa de minimizar o problema das favelas urbanas, são:

- 1 - Urbanização das Favelas - quando o espaço é do Estado e não está impedindo a construção de obras públicas.
- 2 - Censo dos moradores das favelas para evitar novas invasões.
- 3 - Direito de posse do solo aos moradores, através de financiamento.
- 4 - Implantação de obras de infra-estrutura, como rede de esgotos, luz elétrica, lixo, vias de acesso.
- 5 - Implantação de centros comunitários, escolas, igreja, clubes de jovens, de mães, etc
- 6 - Que as habitações tenham as condições dignas e normas indispensáveis à vida urbana.

7 - Se houver necessidade de transferência das favelas que sejam escolhidos locais não muito distantes de onde estão situadas.

FAVELIZAÇÃO - SEGURANÇA PÚBLICA

A favelização como fenômeno decorrente do processo de urbanização, que se caracteriza pela concentração acentuada da população carente em determinados espaços urbanos, com as peculiaridades sócio-culturais dela decorrentes, é um sensível fator da área social.

Embora o problema do déficit habitacional seja considerado fundamental no processo de favelização, ele não pode ser reduzido a único.

É bem verdade que os agentes imobiliários públicos e privados até agora têm se mostrado incapazes de atender a demanda crescente da população urbana em especial aos de baixa renda.

Outras causas também podem ser consideradas no processo de favelização: as concentrações espontâneas das atividades econômicas, principalmente atividades industriais aliada à valorização dos terrenos urbanos.

Desta maneira a concentração das populações pobres no interior dos espaços urbanos é resultante de uma certa divisão do espaço total. A valorização de determinadas áreas, em função da demanda de algumas atividades urbanas como: atividades industriais, atividades comerciais, de lazer, bancárias, institucionais, etc.

A valorização do solo urbano, a especulação imobiliária caracterizam as metrópoles modernas conseqüentemente a população mais pobre, pertencente aos estratos mais carentes da população fica segregada num es-

paço periférico, ou procura concentrar-se em áreas urbanas pertencentes ao poder público, os morros, as baixadas, os alagados.

O problema da favelização não é apenas um dos maiores problemas sócio-econômico, mas também se constitui um problema de segurança pública e até mesmo de segurança nacional.

A favelização em grandes proporções vem a se constituir em sério problema de ordem pública. A ONU (Organização das Nações Unidas), em seu artigo XXV, Ítem I da Declaração dos Direitos Humanos, diz o seguinte:

"todo homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem estar, inclusive habitação".

o que mostra que a ONU reconhece a importância da habitação sobre o equilíbrio psicossocial do homem; toda vez que nele se provocam dúvidas a cerca de sua permanência na habitação que ocupa, logo se terá desencadeado nele uma ruptura emocional que gera angústia, desespero, violência.

É o que observamos diariamente através de noticiário de rádio, jornais e televisão; populações pobres, desabrigadas, constroem seus barracos em lugares públicos ou pertencentes a particulares, invadem conjuntos habitacionais desocupados, transformando-os em verdadeiras favelas, e quando são ameaçados de expulsão reagem com violência, com a própria força física uma vez que, na realidade, é só o que possuem. Habitação condigna e garantida é um passo para a paz social.

A violência não se manifesta apenas devido ao problema habitacional, mas também devido às condições subhumanas e miseráveis em que vive essa massa populacional sem as mínimas condições de obterem assistência médica e educacional são levados a prática de atos

violentos, como *assaltos, roubos, assassinatos, estrupos, etc.* Muitas vezes estes atos são praticados quando indivíduos estão em condições subnormais, como sob o efeito de entorpecentes.

CONCLUSÃO

Ao término de nosso trabalho, chegamos à seguinte conclusão: "*As favelas constituem um verdadeiro desafio aos nossos governantes*".

A metropolização moderna é em grande parte responsável pelo problema, e cabe a nós resolvê-los. Se a favela é um problema, um verdadeiro "*quisto social*", os favelados constituem seres humanos que, em sua maioria, foram marginalizados pela sociedade. Muitos, sem esperanças, lutando sem as mínimas condições de competitividade com o restante da população, sem emprego ou subempregada, sem habitação ou em subabitações, subalimentados, os favelados pela sua própria condição sócio-econômica constituem uma ameaça à sociedade e à própria segurança nacional.

Essa massa marginal aumenta e se constitui em objetivo de fácil mobilização por lideranças demagógicas. No Brasil existem milhões de populações faveladas, só em São Paulo, segundo dados do governo existem cerca de 800.000 favelados (só na capital). Espalhos pelas grandes cidades brasileiras, principalmente nas grandes metrópoles, eles são: catadores de lixo, garís, lavadeiras, engraxates, porteiros de edifícios, domésticas, vendedores ambulantes e também grande parte desempregados e marginais.

Embora inúmeras tentativas tenham sido feitas na tentativa de resolver o problema das favelas urbanas, muitas redundaram em completo fracasso. Algumas populações, de-

pois de passar algum tempo morando em conjuntos habitacionais voltaram para a área de origem.

Por experiências anteriores, chegamos à conclusão que a simples transferência de habitantes das favelas para conjuntos habitacionais localizados em áreas distantes, não resolve o problema, pois os mesmos voltam para os centros comerciais e feiras livres e aí ficam perambulando como mendigos e desocupados.

É imprescindível por parte do Governo uma política visando a implantação de conjuntos habitacionais populares, em locais de fácil acesso e com uma infra-estrutura comunitária.

É importante que ressaltemos o seguinte: foi criado um estereótipo a respeito do favelado. Entretanto, nem todo morador da favela é desocupado ou marginal, muitos são trabalhadores braçais assalariados e subempregados, e aqueles que chegam a marginalidade muitas vezes são uma consequência da própria evolução do nosso sistema econômico, do grande crescimento vegetativo do Brasil e da intensa migração campo/cidade.

B I B L I O G R A F I A

- ARNS, Paulo Evaristo. Org. São Paulo, 1975. *Crescimento e Pobreza*. Edição Loyola. São Paulo, 1976.
- BARAT, Josef. *Introdução aos Problemas Urbanos Brasileiros*. Editora Campus. Rio de Janeiro, 1979.
- CAMARGO, José de Castro. *Estudo de Problemas Brasileiros*. Editora do Exército. Rio de Janeiro, 1979.
- FARIA, Vilmar. *Pobreza Urbana, Sistema Urbano e Marginalidade*. Editora CEBRAP nº 9. São Paulo, 1974.
- IBGE. *Sinopse Estatística do Brasil*. 1981. IBGE.
- MARISBACH, Hans, *Urbanização Contemporânea*. Livraria Martins Torres, 1977.
- MORRIS, R. N. *Sociologia Urbana*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1977.
- OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e Mudança Social no Brasil*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1980.
- VALLADARES, Lícia. *Passa-me uma Casa*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1980.
- VALLADARES, Lícia. *Habitação em Questão*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1981.
- VELHO, Gilberto. *O Desafio da Cidade*. Edi-

tora Campus. Rio de Janeiro, 1980.

- VELHO, Gilberto. *Utopia Urbana*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1980.
- VELHO, Otávio Guilherme. *Fenômeno Urbano*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979.
- WILHEMIM, Jorge. *Urbanismo no Subdesenvolvimento*. Editora Saga. Rio de Janeiro, 1969.